

SALVADOR, 465 ANOS

PRESENTE PARA O FUTURO

Fernando Vivas / Ag. A TARDE

Jornal: A Tarde
Data: 29/03/2014
Caderno: Salvador Pg: A4

POPULAÇÃO
CONVIVÊ COM
DIFERENÇAS
EXTREMAS



Acentuado desnível social se evidencia em numerosos bairros onde comunidades paupérrimas aparecem ao lado de moradias de alto padrão

CAPITAL Ao contrário de outras cidades, Salvador tem bairros nobres e periferia em regiões próximas

TERCEIRA METRÓPOLE DO PAÍS TEM CENA URBANA DE CONTRASTES

PRISCILA MACHADO

Salvador tem uma paisagem marcada por periferias que se estendem pelo Subúrbio, miolo e região norte, mas que também disputam lugar com bairros nobres no centro.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que 881.572 pessoas vivem em aglomerados subnormais na cidade, o que representa uma parcela de 32% da população.

Os contrastes sociais se concretizam em espaços divididos como os da Pituba/Nordeste de Amaralina, Brotas/Buraco da Gia, Barra/Calabar, Iguatemi/Sara-

mandaia e tantos outros.

Segundo a Secretaria Municipal de Infraestrutura e Defesa Civil (Sindec), 73% das 750 mil residências da cidade são irregulares e se concentram, principalmente, no

73%

das 750 mil residências da cidade são irregulares. Esses imóveis estão concentrados, principalmente, no miolo e subúrbio, de acordo com informações da Sindec

miolo e no Subúrbio.

A socióloga e organizadora da coletânea Como Anda Salvador e Sua Região Metropolitana, Inaiá Carvalho, explica que essa é uma característica própria das metrópoles brasileiras. "Enquanto o Subúrbio sempre foi ocupado pela população de baixa renda, a orla atlântica e o Centro da cidade concentram a classe média e alta", diz.

Inaiá também explica que o nome periferia era usado inicialmente para designar as regiões mais afastadas do Centro. Com o tempo, passou a se referir a qualquer bairro pobre, devido à semelhança em relação à falta de equi-

pamentos e à concentração de pessoas de baixa renda.

Ainda conforme a socióloga, a periferia é dinâmica e, às vezes, é absorvida pelo Centro. "A Liberdade, por exemplo, era uma invasão. Com o passar dos anos, foi urbanizada, incorporada e já não é tão distante", diz.

Processo histórico

Na década de 1960, as periferias se intensificaram com a instalação de indústrias e a chegada de pessoas do interior do estado.

A privatização das terras públicas municipais em 1968 impulsionou ainda mais esse crescimento, pois os terrenos

do Centro e orla atlântica passaram a custar muito caro.

Restou aos mais pobres, ocupar, de forma precária e irregular, as porções de terra mais afastadas do núcleo, ou as brechas no entorno do centro comercial.

Atualmente, conforme o segundo vice-presidente do Conselho Regional dos Corretores de Imóveis da Bahia, José Alberto de Vasconcelos, os bairros mais valorizados são o Horto Florestal e a Vitória, cujo metro quadrado passa de R\$ 10 mil. "O bairro tem imóveis de alto luxo, supera inclusive os atuais Alphavilles, de metro quadrado em torno de R\$ 7 mil", diz.

Enquanto a empresária Juçara Magalhães, 40, - moradora do Canela (bairro de classe média alta) - desfruta de roupas e sapatos que custam em média R\$ 4 mil e chega a pagar almoços de R\$ 700 em bons restaurantes, a realidade de moradores do subúrbio chega a ser subumana.

A vendedora Gismara Oliveira, 36, que ocupa uma casa irregular no bairro Lagoa da Paixão, tem uma renda mensal de R\$ 164. Mas, nos últimos dois meses, a renda se reduziu para R\$ 30, depois que o Bolsa Família foi suspenso.

"As vezes, falta o que comer, mas eu peço a Deus e tudo dá certo. Quando não tem durante o dia, tem à noite, e a gente vai levando", diz a mãe solteira de cinco filhos.

Para o antropólogo Ordep Serra, a situação é muito grave. "Estamos falando de pessoas que vivem em péssimas condições e o estado não dá atenção a isso", diz.

O geógrafo Clímaco Dias diz que não há como transformar a periferia em bairro nobre. "Uma mudança aqui é impossível. A densidade de serviços e empregos no Nordeste de Amaralina é incomparável com a oferecida no Itaigara e na Pituba. A própria topografia e as formas como estão assentadas as casas não permitem determinadas inovações tecnológicas", diz.

Melhorias

Conforme Paulo Fontana, gestor da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Defesa Civil (Sindec), ainda este ano serão entregues 1.500 casas na Lagoa da Paixão.

O secretário também prevê entregar 1.500 títulos de posse no Bairro da Paz a qualquer momento e outros mil para Nova Constituinte e Nova Brasília, em agosto. "O programa Minha Casa, Minha Vida agora prevê que 6% do orçamento seja destinado a equipamentos urbanos, como escola e centro de saúde", diz.